

4. CARACTERIZAÇÃO DA PROCURA TURÍSTICA – NOÇÃO E FORMAS DE PROCURA

A procura turística é tida como uma importante componente do sistema turístico, que pode ser traduzida como o conjunto de bens e serviços que são adquiridos aquando da geração de fluxos turísticos, sempre possíveis de expressar sob uma forma quantitativa.

A procura turística pode assumir diversas formas. No âmbito do Plano Municipal de Turismo de Lagos esta temática será abordada segundo as suas dimensões **física, monetária e geográfica**.

4.1. PROCURA FÍSICA

A procura turística física traduz-se pelos fluxos turísticos medidos através das **chegadas às fronteiras de cada país**, e pelas **dormidas e número de hóspedes nos meios de alojamento**, tenham origem no próprio país ou no estrangeiro.

No âmbito de um Plano Municipal de Turismo, a abordagem dos fluxos turísticos associados às fronteiras suscita algumas dificuldades, se não impossibilidades. Contudo, revela-se de todo o interesse abordar o tráfego de passageiros no Aeroporto de Faro e compará-lo com o registo de hóspedes estrangeiros nos meios de alojamento classificado de Lagos. As dormidas, número total de hóspedes, estadas médias e taxas de ocupação por tipologia de alojamento classificado, serão seguidamente abordadas.

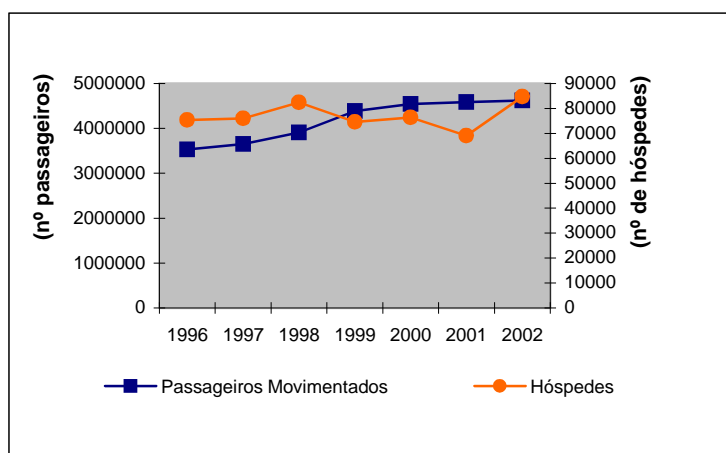
Evolução do movimento total de passageiros no Aeroporto de Faro e das entradas de hóspedes estrangeiros em Lagos

A principal forma de entrada de estrangeiros na Região do Algarve é assegurada pelo Aeroporto de Faro. Por conseguinte, o movimento de passageiros no Aeroporto de Faro é uma referência fundamental para se caracterizar a procura turística física na referida região, que poderá ter consequências directas na procura decorrida no concelho de Lagos, dado este movimento deter um impacte directo nas taxas de ocupação das unidades hoteleiras algarvias, atendendo à natureza marcadamente turística deste aeroporto.

No entanto, e comparando a evolução no período compreendido entre 1996 e 2002, do movimento total de passageiros (embarcados e desembarcados) do aeroporto de Faro, com o número de hóspedes estrangeiros em meios de alojamento classificado no concelho de Lagos, verifica-se que nem sempre a referida relação acontece de forma directa.

Plano Municipal do Turismo

Gráfico 4 - Evolução anual do movimento de passageiros no Aeroporto de Faro e do número de hóspedes estrangeiros em alojamento classificado no concelho de Lagos



Fonte: AHETA - Balanço do ano turístico 2004; INE - Anuário Estatístico da Região do Algarve (1997 e 2003)

Assim, verifica-se que até 2002 o crescimento do movimento total de passageiros é constante. No entanto, só até 1998, o número de hóspedes estrangeiros registados nos meios de alojamento classificado do concelho de Lagos acompanha aquela tendência, revelando-se o seu crescimento instável a partir desse ano. Registam-se assim dois anos de descidas acentuadas, 1999 onde a variação do crescimento é de -9,4%, e 2001 que regista uma variação de -9,7%. No ano de 2002 ocorre já uma subida acentuada (22,6%) da entrada de estrangeiros nos estabelecimentos de alojamento de Lagos, que pouco reflecte o crescimento ocorrido no movimento total de passageiros no Aeroporto de Faro (0,8%).

Verifica-se portanto, face à procura regional, alguma instabilidade no que respeita à capacidade que o concelho de Lagos tem de manter constante o seu nível de atracção relativamente à procura por parte dos turistas estrangeiros.

Evolução das Dormidas, hóspedes e taxas de ocupação nos meios de alojamento classificado

Entre 1996 e 2002 o número de dormidas e de hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros da região do Algarve regista um aumento de 12% e 18%, respectivamente. Como se verifica nos quadros seguintes, o concelho de Lagos, bem como os seus concelhos limítrofes, acompanham a tendência regional. Tendo ainda em conta os concelhos que fazem fronteira com Lagos, verifica-se que neste se regista a maior subida do número de dormidas (9%), registando o segundo maior aumento no que respeita ao número de hóspedes (22%).

Plano Municipal do Turismo

Tabela 7 - Variação das dormidas e hóspedes (1996 – 2002)

Unidade Territorial	Variação do Nº de Dormidas entre 1996 – 2002 (%)	Unidade Territorial	Variação do Nº de Hóspedes entre 1996 – 2002 (%)
Algarve	12	Algarve	18
Lagos	9	Lagos	22
Aljezur	s.i.	Aljezur	s.i.
Portimão	3	Portimão	3
Vila do Bispo	8	Vila do Bispo	35

Fonte: INE - Anuário Estatístico da Região do Algarve (1997 e 2003)

s.i – sem informação que respeite critérios de qualidade

De uma forma geral, observa-se assim que as subidas do número de hóspedes são superiores às subidas do número de dormidas, levando a reter que existe uma tendência de diminuição dos tempos de permanência média dos turistas nas unidades territoriais consideradas.

Hóspedes nos Estabelecimentos de Alojamento Classificado em Lagos

Relativamente ao **número de hóspedes a dar entrada nos estabelecimentos de alojamento classificado** de Lagos, em 1996 este ascende aos 94 236, e corresponde a 4,7% do total de hóspedes do Algarve. Em 2002, o registo de hóspedes é de 120 808, correspondendo a 4,9% do total de hóspedes registados na região. Verifica-se portanto que a relação se mantém, ocorrendo uma ligeira tendência de aumento da importância relativa de Lagos no contexto regional no que respeita ao número de hóspede entrados (traduzida na subida em apenas 0,2%).

A análise das estadas médias, ou seja, do número médio de noites dormidas entre 1996 e 2002, revela uma tendência à escala regional para diminuir.

Tabela 8 - Hóspedes, dormidas e estadas médias em 1996 e 2002

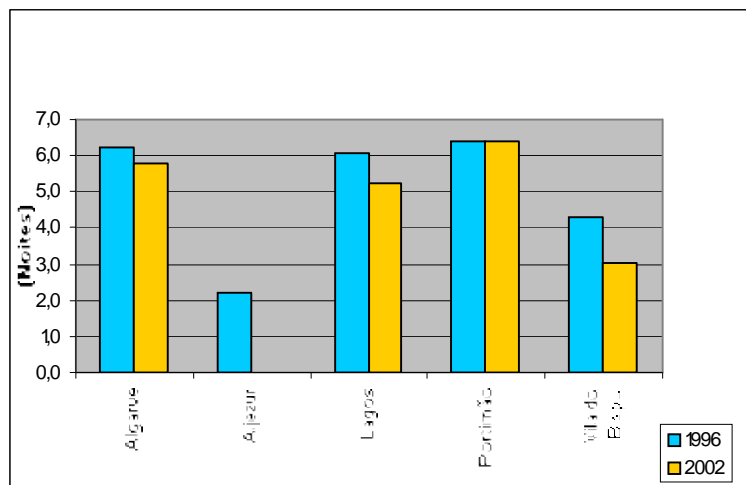
	1996		2002	
	Lagos	Algarve	Lagos	Algarve
Hóspedes entrados	94236	2022269	120 808	2 468 256
Dormidas	573795	12577709	633 151	14 294 303
Estada média (noites)	6,1	6,2	5,2	5,8

Fonte: INE - Anuário Estatístico da Região do Algarve (1997 e 2003)

Plano Municipal do Turismo

Contudo, esta diminuição é mais acentuada no concelho de Lagos do que na região do Algarve, uma vez que em Lagos a estada média diminui em média uma noite, não chegando a região a registar uma quebra tão acentuada.

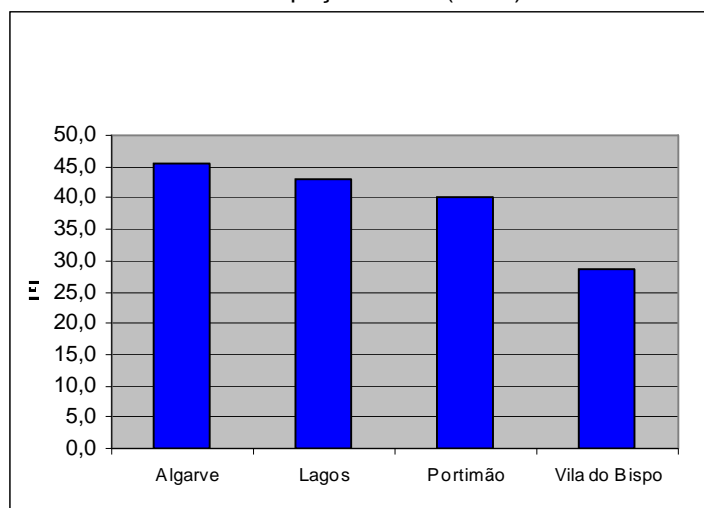
Gráfico 5 - Estada média dos turistas por unidade territorial em 1996 e 2002



Fonte: INE - Anuário Estatístico da Região do Algarve (1997 e 2003)

Relativamente aos concelhos limítrofes a Lagos, apenas Portimão não regista alterações no número de noites de estadia dos hóspedes, registando Vila do Bispo, tal como Lagos, uma diminuição em cerca de uma noite.

Gráfico 6 - Taxas de ocupação-cama (bruta) em 2002



Fonte: INE - Anuário Estatístico da Região do Algarve (2003)

Em relação às taxas de ocupação-cama, ou seja, tendo em conta a relação entre o número de dormidas e número de camas disponíveis em todos os estabelecimentos de alojamento, verifica-se que em 2002, Lagos apresenta taxas inferiores às

Plano Municipal do Turismo

registadas na região do Algarve. Contudo, é de destacar que face a Vila do Bispo e a Portimão, Lagos revela níveis de ocupação superiores.

Dormidas por tipologia de estabelecimento

No que respeita ao peso da procura do concelho de Lagos na região do Algarve, por tipologia de estabelecimentos, verifica-se que em 2002 são as pensões que registam mais peso de dormidas, pelo que 18% do total das dormidas em pensões algarvias registam-se no concelho de Lagos.

Tabela 9 - Distribuição relativa do número de dormidas por tipologia de estabelecimento nos concelhos, face à totalidade registada na Região do Algarve – 2002

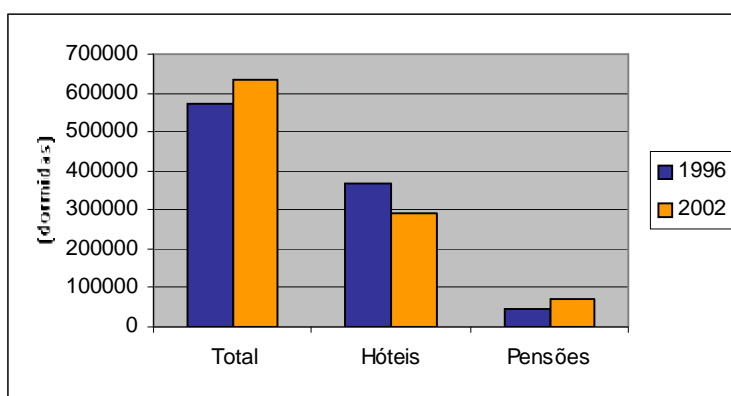
	Dormidas (%)							
	Total	Hóteis	Pensões	Outros Estabelecimentos	Hotéis-Apartamentos	Apartamentos-Turísticos	Aldeamentos-Turísticos	Motéis, Estalagens e Pousadas
Lagos	4	7	18	3	i.c	4	i.c	i.c
Portimão	18	17	11	19	i.c	29	i.c	i.c
Vila do Bispo	1	1	2	1	i.c	i.c	i.c	12

i.c. – informação confidencial

Fonte: INE - Anuário Estatístico da Região do Algarve de 2003

Com efeito, observando a evolução das dormidas em Lagos entre 1996 e 2002, a subida que se regista no geral reflecte-se nas dormidas em pensões, que registam uma variação positiva de cerca de 52%. Por seu lado, as dormidas em hotéis sofrem uma descida na ordem dos 21%.

Gráfico 7 - Dormidas no concelho de Lagos em 1996 e 2002



Fonte: INE - Anuário Estatístico da Região do Algarve de 1996 e 2003

Plano Municipal do Turismo
Indicadores da Procura Turística por Tipologia de Alojamento

Tendo agora em conta a distribuição de alguns indicadores da procura turística pelas várias tipologias de alojamento, pode destacar-se:

- É nos Hotéis que se regista o maior peso de dormidas e de hóspedes, bem como as taxas de ocupação mais elevadas: 50,3%.
- O total formado pelo conjunto “outros estabelecimentos” detém os segundos maiores registos de dormidas e hóspedes.
- As pensões, registando um peso de apenas 11,6% de dormidas e de 15,5% de hóspedes, registam contudo a segundo maior registo da Taxa de Ocupação, indicando existir uma procura muito constante em relação a esta tipologia de alojamento.
- A estada média atinge registos máximos nos Apartamentos-turísticos, dado este tipo de alojamento praticar tarifas mais económicas e permitir estadas mais prolongadas.

Tabela 10 - Distribuição relativa de alguns indicadores da procura turística por tipologia de alojamento em 2002

	Total	Hotéis (%)	Pensões (%)	Outros Estabelecimentos (%)	Hotéis-Apartamentos	Outros estabelecimentos Apartamentos-Turísticos (%)	Aldeamentos-Turísticos	Móteis, Estalagens e Pousadas
Dormidas	633151	46,1	11,6	42,3	...	27,3
Hóspedes	120808	51,0	15,5	33,5	...	20,4
Estada média	5,2	4,7	3,9	6,6	...	7,0
Taxa de Ocupação	43,1	50,3	44,0	37,1	...	37,8

Fonte: INE - Anuário Estatístico da Região do Algarve de 2003

... - informação confidencial

4.2. PROCURA MONETÁRIA

Na sua expressão monetária a procura turística é traduzida pelo valor da totalidade dos consumos realizados por visitantes de origem nacional e estrangeira, ou seja, é disponibilizada pelas receitas turísticas de origem externa (em moeda estrangeira) e interna (gastos efectuados pelos residentes nacionais).

Em termos evolutivos, as receitas geradas pela actividade turística, a nível nacional, segundo os dados do Banco de Portugal, revelaram um comportamento irregular. Demonstram que nos últimos anos, para os quais se detém informação definitiva (2002/2003), as receitas sofreram uma quebra acentuada (4,1%). Contudo a previsão para 2004 revela um súbito crescimento do montante de receita arrecadado (cerca de 8%).



Plano Municipal do Turismo

Tabela 11 - Evolução nacional das receitas turísticas

Unidade: Milhares €

EVOLUÇÃO	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004 (P)
Total Geral	3.686.627	4.062.567	4.903.307	4.957.902	5.720.324	6.124.758	6.057.607	5.812.213	6.260.626
Var. (%)	1,6	10,2	20,7	1,1	15,4	7,1	-1,1	-4,1	7,7

Fonte: BP - Banco de Portugal - (última actualização 10/05/05)

Relativamente ao país de origem, verificamos que o Reino Unido constitui o país que mais despense em bens e serviços no mercado nacional (22,2%), seguido da França (18,1%) e da Espanha (15,1%). A tendência evolutiva (para 2004) revela ainda um comportamento regressivo no montante de receita gerado pelos turistas espanhóis, contrariamente às outras duas nacionalidades. Salienta-se ainda o crescimento muito acentuado das receitas oriundas de turistas da Federação Russa (356,8%).

No que se refere às receitas geradas pelo ramo da hotelaria global, o mercado algarvio é ultrapassado pelo de Lisboa e Vale do Tejo. Este comportamento pode ser devido ao facto da capital do país ser alvo, não apenas, de visitantes no âmbito da actividade turística, como também de visitantes com objectivos profissionais. Como tal, cerca de 33% das receitas na hotelaria são geradas no mercado de Lisboa e Vale do Tejo, sendo aproximadamente 29% arrecadadas no mercado algarvio.

Tabela 12 - Evolução das receitas na Hotelaria Global (Quota do Total)

ÁREA	Quota do Total (%)					
	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Norte	11,0%	10,4%	11,3%	11,0%	10,2%	10,8%
Centro	5,9%	5,7%	5,7%	5,7%	6,0%	6,4%
LVT	30,7%	31,0%	30,7%	29,8%	30,5%	32,8%
Alentejo	2,8%	2,8%	2,9%	2,9%	2,8%	2,6%
Algarve	32,8%	33,5%	31,8%	32,0%	31,3%	28,8%
Açores	1,9%	1,9%	2,2%	2,5%	2,6%	2,9%
Madeira	14,8%	14,7%	15,4%	16,2%	16,6%	15,7%
Total Global	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: INE - Instituto Nacional de Estatística - (última actualização 12/05/05)

Em termos evolutivos, verifica-se que a região do Algarve constitui a única que registou variações negativas, perdendo posição essencialmente para os Açores. É de notar ainda que desde 2002 a região do Algarve tem vindo a registar variações



Plano Municipal do Turismo

negativas nos montantes de receitas na hotelaria, quebra esta que se reflecte ainda numa atracção para as áreas do Norte, Centro e Lisboa e Vale do Tejo.

Tabela 13 - Evolução anual das receitas na Hotelaria Global

ÁREA	Variação Anual (%)					
	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Norte	-	6,3%	19,3%	-4,6%	-6,5%	12,7%
Centro	-	8,5%	10,2%	-3,3%	6,9%	14,7%
LVT	-	13,2%	8,4%	-4,8%	3,3%	14,5%
Alentejo	-	10,7%	11,9%	-1,7%	-3,2%	1,6%
Algarve	-	14,6%	3,8%	-1,6%	-1,2%	-1,8%
Açores	-	12,5%	25,1%	8,6%	6,6%	17,6%
Madeira	-	10,7%	15,3%	2,7%	3,4%	1,4%
Total Global	-	12,2%	9,5%	-2,2%	0,9%	6,8%

Fonte: INE - Instituto Nacional de Estatística - (última actualização 12/05/05)

Nota Metodológica: dados definitivos

Definição: compreende todos os proveitos resultantes da actividade do estabelecimento hoteleiro; inclui os proveitos de aposento, os proveitos de restauração e outros proveitos decorrentes da própria actividade (ex. lavandaria, tabacaria, telefone, etc.)

O ranking de receitas na Hotelaria Global demonstra que ao longo dos anos (neste caso desde 1999 a 2004) o Algarve tem sido o líder da tabela. Contudo, no ano de 2004 as posições invertem-se com a Região de Lisboa e Vale do Tejo, área cujas características extravasam o conceito de turismo de lazer e recreio associado ao Algarve.



Plano Municipal do Turismo

Tabela 14 - Evolução anual das receitas na Hotelaria Global (rankings)

ÁREA	Rankings (pos.)					
	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Norte	4	4	4	4	4	4
Centro	5	5	5	5	5	5
LVT	2	2	2	2	2	1
Alentejo	6	6	6	6	6	7
Algarve	1	1	1	1	1	2
Açores	7	7	7	7	7	6
Madeira	3	3	3	3	3	3

Fonte: INE - Instituto Nacional de Estatística - (última actualização 12/05/05)

Nota Metodológica: dados definitivos

Definição: compreende todos os proveitos resultantes da actividade do estabelecimento hoteleiro; inclui os proveitos de aposento, os proveitos de restauração e outros proveitos decorrentes da própria actividade (ex. lavandaria, tabacaria, telefone, etc.)

Segundo a variação mensal de Julho para os anos de 2004 e 2005, o mercado algarvio revela-se o mais promissor no contributo para o bolo das receitas na hotelaria num contexto de recessão das receitas a nível nacional. Na série apresentada desde Janeiro a Maio, verifica-se que os proveitos registados nos meses de Março e Abril foram negativos relativamente ao ano de 2005.



Plano Municipal do Turismo

Tabela 15 - Evolução mensal das receitas na Hotelaria Global (novas NUT II)

Mercados \ Meses	Variação Mensal 05 - 04 (%)						
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Porto e Norte de Portugal	-0,9%	-8,7%	0,1%	-7,0%	-6,2%	-37,1%	-0,5%
Beiras	-20,9%	-28,9%	-21,0%	-30,7%	-37,7%	-49,0%	-30,8%
Lisboa	8,0%	15,0%	20,6%	9,2%	5,5%	-34,2%	-16,6%
Alentejo	-10,9%	-27,8%	-4,3%	-22,8%	-11,9%	-6,6%	-18,8%
Algarve	12,1%	4,0%	-2,7%	-8,0%	15,3%	4,2%	11,0%
Açores	32,0%	2,1%	25,5%	11,7%	10,5%	51,6%	10,2%
Madeira	13,2%	-3,7%	-1,3%	-9,0%	-14,0%	-1,6%	3,3%
TOTAL Destinos	6,2%	-0,3%	3,9%	-4,9%	-0,8%	-20,1%	-2,9%

Fonte: INE - Instituto Nacional de Estatística - (última actualização 12/09/05)

Nota Metodológica: os dados estatísticos de 2004 e 2005 têm por base a nova delimitação das NUT II - as alterações introduzidas pelas novas NUT II abrangem as regiões Centro, LVT e Alentejo: a) concelho de Mafra deixou de pertencer à sub-região Oeste e transitou para a sub-região Grande Lisboa; b) a região Centro passa a incluir as sub-regiões Oeste e Médio Tejo, que pertenciam à região LVT; c) a região Alentejo passa a integrar a sub-região Lezíria do Tejo, que pertencia à região LVT; d) a região que se denomina actualmente por Lisboa, agrega apenas as sub-regiões Grande Lisboa e Península de Setúbal

Definição: compreende todos os proveitos resultantes da actividade do estabelecimento hoteleiro; inclui os proveitos de aposento, os proveitos de restauração e outros proveitos decorrentes da própria actividade (ex. lavandaria, tabacaria, telefone, etc.)

A nível dos proveitos no alojamento por concelho, segundo dados do INE, em 2001, Lagos apenas contribuiu em cerca de 5% para as receitas arrecadadas pela Região do Algarve, gerando mais 56 mil euros que no ano anterior.

Plano Municipal do Turismo

Tabela 16 - Estrutura dos Proveitos Totais dos Estabelecimentos Hoteleiros, Apartamentos e Aldeamentos Turísticos no Algarve, por Concelho, em 2000 e 2001 - milhares de euros

NUTS	Anos	Hotéis	Hotéis Apart.	Apart. Turísticos	Aldeamentos Turísticos	Móteis, Estalagens e Pousadas	Pensões	Total
Algarve	2000	55,6%	13,6%	16,8%	9,6%	2,0%	2,3%	100,0%
	2001	51,5%	15,5%	16,2%	10,3%	2,3%	2,2%	100,0%
Aljezur	2000	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	2001	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Lagos	2000	2,9%	...	13,3%	...	3,8%	8,0%	100,0%
	2001	2,9%	0	12,7%	2,2%	3,7%	8,3%	100,0%
Portimão	2000	9,3%	6,7%	33,3%	4,2%	0,0%	1,6%	100,0%
	2001	9,2%	...	27,7%	...	0,0%	1,4%	100,0%
Vila do Bispo	2000	0,3%	6,7%	19,3%	2,6%	100,0%
	2001	...	7,8%	2,5%	44,4%	21,0%	...	100,0%

Fonte: INE

... - Dados Confidenciais

No contexto inter-regional, com base nos concelhos em análise, Portimão constitui aquele cujos proveitos decorrentes do alojamento mais contribuíram na totalidade gerada no Algarve.

Segundo os dados disponíveis, a tipologia de alojamento com maior contributo para o bolo das receitas do alojamento são os “Apartamentos turísticos”, embora de 2000 a 2001 este montante tenha regredido um pouco (5%).

4.3. PROCURA GEOGRÁFICA

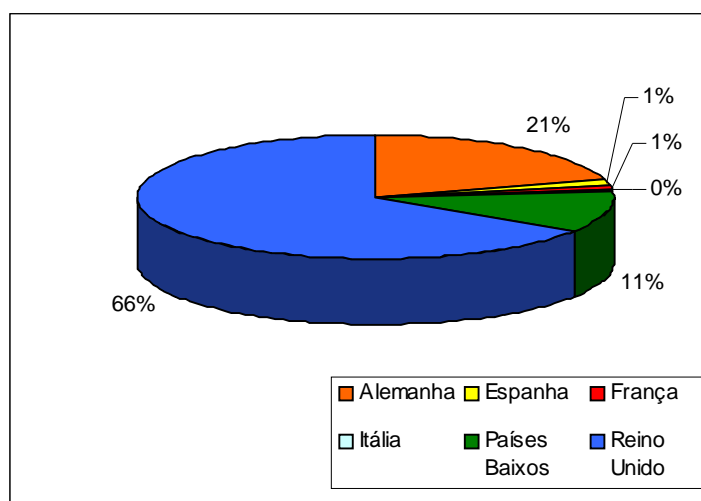
Do ponto de vista geográfico a procura turística refere-se às origens - localidades onde se geram movimentos turísticos e aos destinos - locais para onde se dirigem os movimentos turísticos.

No âmbito do Plano Municipal de Turismo, interessa abordar as origens dos movimentos turísticos, de forma a se poderem identificar os principais mercados.

Desta forma, interessa tomar como referência uma vez mais a entrada de passageiros no Aeroporto de Faro. Verifica-se em 2002 que o principal mercado emissor de passageiros é o Reino Unido, com 66% do total, seguindo-se a Alemanha com 21%.

Plano Municipal do Turismo

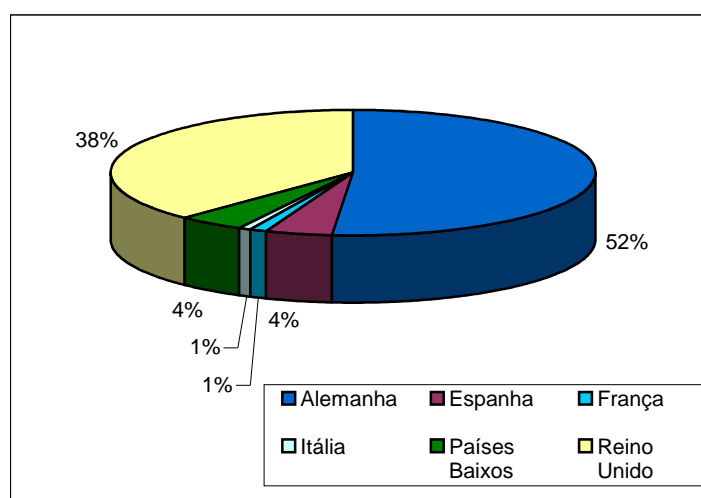
Gráfico 8 - Distribuição relativa dos passageiros no Aeroporto de Faro por país de origem em 2002



Fonte: AHETA - Balanço do ano turístico 2004, perspectivas 2005

Comparando esta informação com a distribuição relativa de hóspedes em estabelecimentos hoteleiros do concelho de Lagos, por país de origem, e para o período homólogo, verifica-se que o mercado emissor que mais se destaca é a Alemanha com 52% do total dos hóspedes, seguindo-se o Reino Unido que surge aqui com 38% do total dos hóspedes estrangeiros. Tendo em conta que a entrada de passageiros no Aeroporto de Faro se reflecte nos registos dos meios de alojamento, poder-se-ia aferir que no concelho de Lagos se observa uma tendência inversa, detendo o mercado alemão maior destaque do que o Inglês.

Gráfico 9 - Distribuição relativa do número de hóspedes em estabelecimentos hoteleiros no concelho de Lagos por país de origem (2002)



Fonte: INE - Anuário Estatístico da Região do Algarve – 2003



Plano Municipal do Turismo

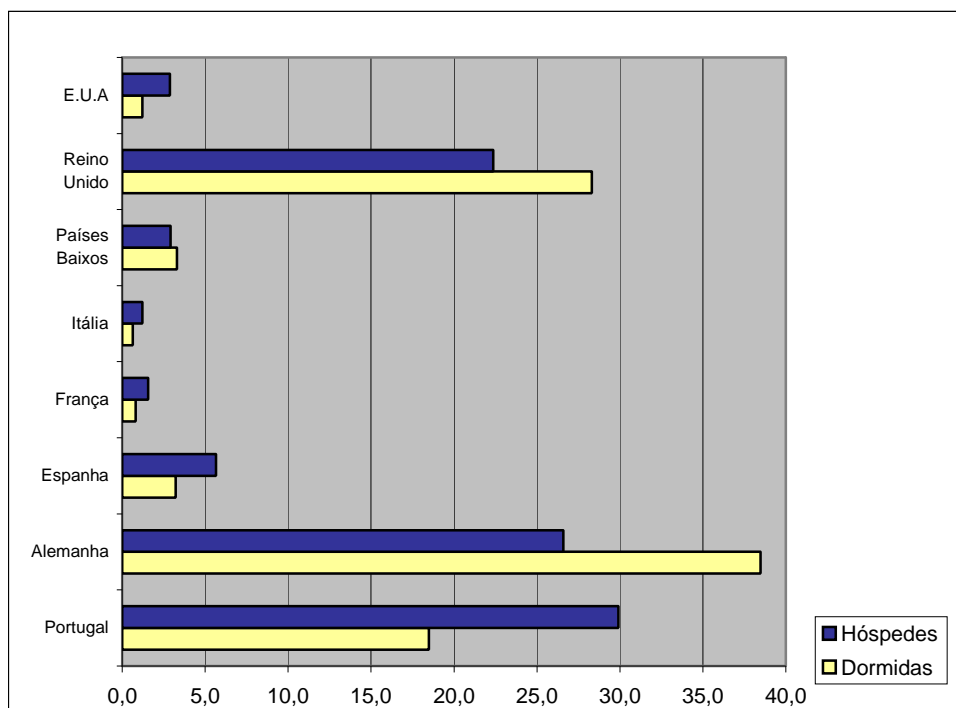
Contudo, há um fenómeno que nos últimos anos tem vindo a assumir particular importância no âmbito da procura turística, que tem a ver com a progressiva transferência do tráfego charter, estimado até há cerca de dois anos atrás em 93% do total, para as chamadas “low cost” - companhias aéreas de baixo preço. No entanto, a redução verificada no movimento de passageiros em voos charter não condicionou uma transferência directa para as “low cost”, significando que os passageiros que viajam através das “low cost”, embora considerados turistas na maioria dos casos, utilizam normalmente segundas residências, ou casas de familiares e amigos para as suas férias. Este facto, ajuda assim a compreender que os registos de hóspedes alemães seja superior aos dos provenientes do Reino Unido, uma vez que, e como foi abordado em fases anteriores do PEL, Lagos detém um elevado número de segundas residências, muitas delas pertencentes a cidadãos estrangeiros, nomeadamente ingleses. A população inglesa com segunda residência no concelho de Lagos detém, inclusive, especial incidência territorial na freguesia da Luz.

Tendo agora em conta a totalidade da origem das entradas e dormidas no concelho de Lagos, ou seja, incluindo também a procura nacional, continuam a destacar-se como fortes mercados emissores, a Alemanha e o Reino Unido, que em conjunto detêm, 49% do total dos hóspedes e 67% do total das dormidas do concelho de Lagos em 2002.

De salientar que o mercado nacional contribui de forma decisiva para os valores das entradas no concelho, dado ser o maior mercado emissor, representando 30% do total das entradas no concelho em 2001. No entanto, no que respeita às dormidas, verifica-se uma tendência diferente, detendo o mercado Alemão o maior registo, 38,5%, seguindo-se o Reino Unido com 28,3% e só depois o nacional, com 18,5% do total das dormidas. Observa-se assim uma tendência para as estadas nacionais serem mais curtas do que as estadas provenientes do mercado Alemão e Reino Unido.

Plano Municipal do Turismo

Gráfico 10 - Distribuição relativa das entradas e dormidas no concelho de Lagos, por país de origem (2002)



Fonte: INE - Anuário Estatístico da Região do Algarve de 2003

4.4. CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DA PROCURA TURÍSTICA NO CONCELHO DE LAGOS

A análise da procura turística em Lagos revela algumas características, de um modo geral comuns à região do Algarve, que dada a sua natureza poder comprometer o futuro da actividade turística, merecem ser destacadas. Estas características têm em comum o facto de lhes estar associado o termo concentração.

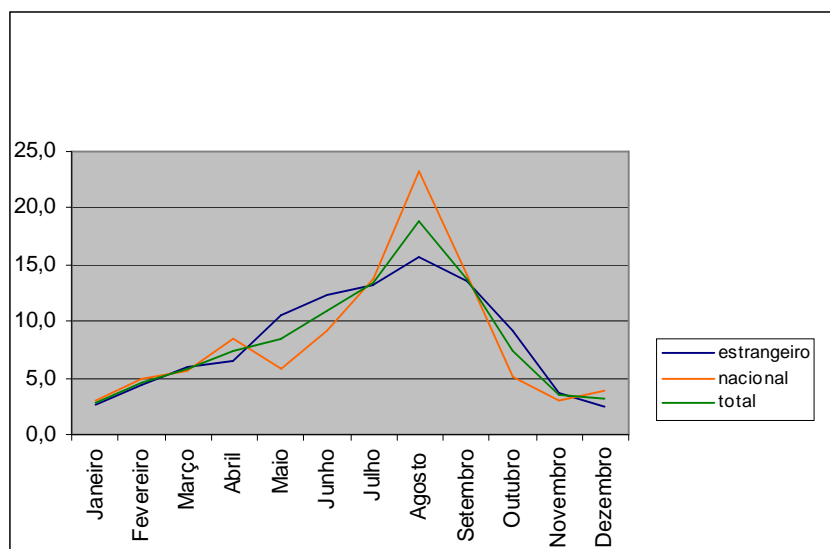
4.4.1. SAZONALIDADE - CONCENTRAÇÃO NO TEMPO

As regiões especializadas na oferta do produto turístico Sol e Praia, têm inevitavelmente associada uma procura turística muito mais acentuada nos meses de Verão, originando picos máximos de fluxo turístico nos referidos meses, a denominada época alta. Desta forma, quando se aborda a actividade turística da região do Algarve, está sempre inerente a referência à sazonalidade, que não é mais do que a desigual distribuição da procura turística ao longo do ano, condicionando períodos de grande procura (época alta) e períodos de reduzida procura (época baixa), correspondentes, respectivamente, aos meses de tempo quente e meses de tempo frio.

Plano Municipal do Turismo

Neste contexto, tendo como base um estudo elaborado pela Universidade do Algarve - “Estudo sobre o alojamento não classificado no Algarve (1991-1997), e como se pode verificar através dos gráficos seguintes, Lagos não constitui excepção. Verifica-se assim que Lagos regista os maiores picos de fluxo turístico, traduzidos aqui pela população flutuante* em todos os meios de alojamento, nos meses de Julho e Agosto, atingindo neste último mês o pico máximo. Em ambos os anos aqui analisados (1991 e 1996), e no que respeita à origem da população flutuante, há uma tendência para os referidos picos de fluxo turístico serem mais notórios relativamente à população flutuante nacional. Desta forma, e para os referidos anos, a população flutuante oriunda do estrangeiro apresenta uma distribuição anual um pouco mais repartida, registando no mês de Agosto 15,6% do total de população flutuante anual. Já a população flutuante nacional manifesta uma tendência mais acentuada para fazer férias na denominada época alta, em particular no mês de Agosto, registando-se neste mês, 23,2% do total da população flutuante nacional.

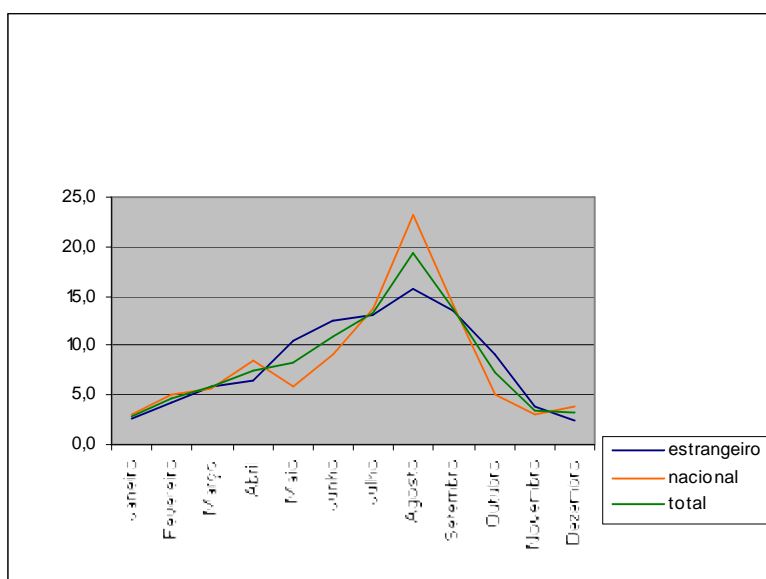
Gráfico 11 - População flutuante em todos os meios de alojamento no concelho de Lagos, por meses, em 1991 (Nº pessoas/dia)



Fonte: Universidade do Algarve, U.C.E.E

Plano Municipal do Turismo

Gráfico 12 - População flutuante em todos os meios de alojamento no concelho de Lagos, por meses, em 1996 (Nº pessoas/dia)



Fonte: Universidade do Algarve, U.C.E.E

Tendo em conta a população flutuante total, verifica-se que o seu pico máximo, regista um ligeiro aumento entre 1991 e 1996, passando de 18,8% para 19,3% do total da população flutuante anual. Estes registos indicam assim que o referido fenómeno da sazonalidade tende a acentuar-se.

Da sazonalidade resultam consequências que complicam bastante a gestão municipal. Com uma elevada população flutuante, demasiado concentrada na época alta, a programação de infra-estruturas e equipamentos públicos e até o funcionamento dos serviços municipalizados de Lagos (recolha de lixo, limpeza das ruas, gestão do estacionamento e tráfego) é bastante dificultada, evidenciando uma sub-utilização dos equipamentos durante a época baixa, assim como nos serviços públicos um ajuste na programação/Calendarização dos trabalhos de acordo com a época do ano.

As oscilações populacionais em Lagos, e em toda a região do Algarve, levanta outro problema de extrema importância, embora não existam dados estatísticos ao nível do município – o consumo de água – eleva-se consideravelmente durante os meses de Verão, sendo utilizada para os mais variados usos – consumo doméstico, piscinas, rega de campos de golfe – mas pelo facto de coincidir com a época mais seca do ano, pode provocar situações de racionalização do consumo de água. Para as empresas turísticas a sazonalidade acarreta problemas de subutilização nas épocas baixas, obrigando a investimentos adicionais em resultado da sua sobredimensão ou da necessidade de dotar os empreendimentos turísticos com equipamentos que



Plano Municipal do Turismo

funcionem como factor de atracção nas épocas de menor procura. No que respeita á população empregada a sazonalidade acarreta problemas relacionados com a co-existência de contratos temporários e uma forte pressão no período de época alta para os que ocupam postos de trabalho fixos. Os consumidores turísticos sofrem também consequências negativas decorrentes da sazonalidade, uma vez que estão sujeitos à redução da qualidade do serviço.

4.4.2. CONCENTRAÇÃO NO ESPAÇO

A concentração no espaço refere-se à concentração da procura turística em origens, ou seja, em mercados emissores de turismo. Como se viu, no caso de Lagos (o mesmo acontecendo à escala regional) os principais mercados exteriores emissores de turistas são a Alemanha e o Reino Unido, cada um representando no ano de 2002, 38, 5% e 28,3% do total de hóspedes registados no concelho. A actividade turística em Lagos, apresenta assim uma dependência de 66,8% face ao conjunto formado pelos mercados alemão e inglês.

Esta dependência comporta sérios riscos, uma vez que ao ocorrer uma diminuição das correntes turísticas oriundas da Alemanha e do Reino Unido, a economia turística do concelho pode ficar profundamente abalada.

Por outro lado, pode entender-se a concentração no espaço do ponto de vista dos destinos. Assim, no concelho de Lagos verifica-se uma concentração da procura sobre a faixa litoral do mesmo, facto que pode ser confirmado pela existência em 2002 de apenas 1 estabelecimento relativo ao Turismo em Espaço Rural. Este tipo de concentração origina assim um desequilíbrio intra-concelhio, caracterizado pelo vazio da área interior do concelho, e uma sobrecarga do litoral, de forma a acompanhar a procura que recai no litoral, infra-estruturas, equipamentos, alojamentos, estabelecimentos comerciais, etc, surgem no litoral em detrimento do interior do concelho.

4.4.3. CONCENTRAÇÃO EM ATRACTIVOS

A procura turística continua a ser fortemente concentrada em atractivos, apesar da grande diversidade de motivos existente para a realização das viagens.

Os fortes atractivos de um destino turístico correspondem essencialmente aos produtos turísticos mais marcantes oferecidos por esse destino.

No caso de Lagos, pode falar-se numa concentração do turismo nos atractivos Sol e Praia, Golf e Desportos Náuticos. Assim, a concentração em atractivos conduz à concentração no espaço, com as consequências acima descritas.